



FLORESKER: O JORNALISMO AUDIOVISUAL COMO MEIO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE COM EQUIDADE ENTRE HOMENS E MULHERES

Comunicação

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)

**ALVES, A. G.¹; UKRACHESKI, G.²; SANTOS, K. B.³; ANDRADE, M. I.⁴;
LIMA, V.⁵; PEREIRA, A.⁶**

RESUMO

Os números são cruéis, gritantes e evidenciam que a igualdade entre homens e mulheres está longe de ser conquistada. No Brasil, segundo dados do Ministério Público, uma mulher é assassinada pelo simples fato de ser mulher a cada sete horas – e 63% delas morrem dentro da própria casa. Um novo caso de violência sexual contra pessoas do sexo feminino é registrado a cada 2h30. Crimes cometidos por agressores que confiam numa espécie de tolerância social, em que a cultura baseada no patriarcalismo e no machismo favorece a vergonha, o medo e a condenação da vítimas pelos atos cometidos contra elas. O combate à violência contra a mulher, desse modo, é também um trabalho de mudança cultural e, nesse aspecto, a comunicação é fundamental para difundir novos modos de ler, ser e estar no mundo. É com esse objetivo, então, que o projeto Florescer ampara-se na Educomunicação para a realização de oficinas em escolas municipais de Guarapuava, com crianças do terceiro ano do Ensino Fundamental, visando a construção de uma sociedade com mais equidade e sem violência para mulheres. Como parte do processo de construção do conhecimento, as crianças se valem do audiovisual para a produção de vídeos, em vários formatos, que abordem o combate à violência contra a mulher e a Lei Maria da Penha.

Palavra-chave: Educomunicação; lei Maria da Penha; combate à violência contra a mulher; telejornalismo.

1 INTRODUÇÃO

- 1 Ana Gabriela Alves é estudante do curso de Jornalismo da Unicentro e bolsista do projeto Florescer.
- 2 Gabriela Ukracheski é estudante do curso de Jornalismo da Unicentro e bolsista do projeto Florescer.
- 3 Ketilyn Brenda dos Santos é estudante do curso de Jornalismo da Unicentro e bolsista do projeto Florescer.
- 4 Maria Isabela Andrade é estudante do curso de Jornalismo da Unicentro e bolsista do projeto Florescer.
- 5 Vanessa Lima é formada em Publicidade e Propaganda e bolsista recém-graduada do projeto Florescer.
- 6 Ariane Pereira é professora do curso de Jornalismo da Unicentro e coordenadora do projeto Florescer.

Em 2012, Guarapuava figurava na relação das 100 cidades brasileiras mais perigosas para uma mulher viver. Isso porque, o município havia registrado, segundo o Mapa da Violência daquele ano, um dos mais altos índices de feminicídios do país – naquele momento, ainda sem este nome já que esta designação para o crime de ódio contra mulheres só foi confirmada, no Brasil, por lei, três anos depois, em 2015. Esses dados motivaram a criação de uma Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres no ano de 2013, visando não apenas zerar as mortes de mulheres pelo fato de serem mulheres, mas também promover a construção de uma cidade com mais equidade entre os gêneros. Desde então, uma série de ações teve início e muitas delas, com o tempo, foram transformadas em lei municipal.

Uma dessas políticas públicas de longa duração é a Lei Municipal Maria da Penha nas Escolas, proposta pelo executivo, aprovada pelo legislativo e assinada em agosto de 2019. Essa legislação veio oficializar uma prática que havia iniciado no município, a partir de uma parceria entre a Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres e a Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), em novembro do ano anterior, quando foi realizado o piloto do projeto de extensão “Florescer”. Esta ação extensionista era uma resposta da instituição, a partir do curso de Jornalismo, para uma demanda da Rede Municipal de Enfrentamento à Violência Doméstica. Isto é, a prevenção – desde a infância – dos casos de violência contra a mulher, que é um fator previsto pela Lei Maria da Penha, de 2006, considerada a terceira legislação mais avançada do mundo no combate e prevenção à violência contra a mulher.

O projeto Florescer, no dois últimos meses de 2018, portanto, foi realizado como ação piloto em uma das escolas municipais de Guarapuava, com duas turmas de terceiro ano do Ensino Fundamental, objetivando perceber a efetividade da metodologia proposta, a aceitação das crianças para com o tema (violência contra a mulher) e os resultados que poderiam ser alcançados. A avaliação positiva levou a implantação efetiva da ação extensionista no ano letivo de 2019, com a participação de 500 crianças, de 20 turmas e sete escolas municipais de Guarapuava. Em 2020, o projeto teve continuidade, porém precisou ser suspenso em virtude da pandemia de Covid-19, só podendo ser retomado em 2022, com o retorno das atividades presenciais tanto nas escolas como na universidade. Assim, esse relato tem como objetivo descrever, discutir e analisar as ações desenvolvidas desde o último mês de março.

2 METODOLOGIA

“Ser cidadão e cidadã na atualidade”, segundo Sátira Machado (2016), “significa

poder se apropriar de todas as tecnologias desenvolvidas pela humanidade”. Dessa forma, prossegue a autora, “a democratização da comunicação é porta de entrada para a ampliação dos direitos humanos” (p.141). Partimos, portanto, desde a concepção até a execução do Florescer, da premissa que a comunicação é uma ferramenta de transformação social. Assim, nos utilizamos dos instrumentos comunicacionais, em especial do audiovisual, para promover a mudança dos conceitos culturais que ainda justificam a posse do homem sobre a mulher e a violência de gênero, para outros que, baseados na alteridade, permitem a construção da equidade.

Amparada em Paulo Freire, a educomunicação – teoria e metodologia em que nos baseamos – é uma forma de realizar trabalhos colaborativos, envolvendo a comunidade escolar. Afinal, “é no diálogo, na ação comunicativa que, (...), os seres humanos vão crescendo em consciência, pois consciência é um processo infinito de busca de respostas, de razões” (GUARESCHI, 2016, p. 124).

Ao afirmar que “não se trata, pois, de educar usando os instrumentos da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação”, Ismar Soares (2000, p. 20) reforça que a educomunicação extrapola a instrumentalização técnica, configurando-se, sobretudo, como um processo de e para a conscientização e problematização de temas complexos para a sociedade, como é a violência contra a mulher, uma das faces do machismo.

Assim, o Florescer leva os elementos o jornalismo audiovisual para as escolas públicas de Guarapuava, trabalhando com as crianças com idade entre oito e 10 anos, matriculadas no terceiro ano do Ensino Fundamental. Todas elas participam de cinco oficinas. Na primeira, através de um jogo de tabuleiro, em que as casas são bambolês e as peças são as próprias crianças, são abordadas questões referentes ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), de modo que as crianças comecem a se reconhecer como cidadãos de deveres e de direitos e, assim, compreendam que são partícipes da construção da própria história, da história da família e, também, da sociedade do tempo presente.

Esse olhar permite que, na oficina seguinte, a partir de brinquedos considerados de meninos (como carrinhos e super-heróis) e de meninas (a exemplo de bonecas e panelinhas), se comece a trabalhar a questão do gênero. Abordamos como essa diferenciação faz com que elas, desde pequenas, não tenham a possibilidade de vivenciar algumas experiências, que formarão imagens muitas vezes cheias de preconceito sobre o ser homem e o ser mulher, que são as bases do machismo e da sociedade patriarcal.

Conceitos que são trabalhados para que as crianças entendam que são eles que estão por trás de comportamentos que levam à violência contra a mulher e a tolerância em relação a essa violação da humanidade da mulher. Se há violência, é preciso entendê-la para que ela possa ser identificada. Assim, fala-se sobre a Lei Maria da Penha, os cinco tipos de violência, a importância da denúncia e os sistemas legais de proteção à mulher.

Na oficina seguinte, mostramos a importância da comunicação nas nossas vidas e como é importante que as crianças sejam ouvidas. Volta-se a violência contra a mulher como um problema enfrentado dentro de casa por muitos casais e filhos, e que é silenciado por medo ou pela crença de que em briga de marido e mulher não se mete a colher. Mostra-se que o falar e o procurar ajuda, ao contrário, são essenciais para evitar mais violência e para por fim às agressões. Assim, as crianças são estimuladas a pensarem em produtos audiovisuais em que elas possam falar, da maneira delas, o que pensam e sabem sobre a violência contra a mulher. Produções que são gravadas na oficina seguinte, no formato audiovisual, como vídeos para o YouTube, trends de redes sociais e telejornais. Dessa forma, as crianças ressignificam a prática e dão ao audiovisual um olhar revolucionário, em que a linguagem audiovisual passa a ser usada para a construção da equidade entre os gêneros.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2021, com a retomada das atividades presenciais pela educação de modo geral, fomos autorizadas pela Secretaria Municipal de Educação de Guarapuava a retornar às escolas com as oficinas do projeto Florescer no mês de abril. Desde então – até o início de mês de julho, quando esse relato é redigido, a ação extensionista foi desenvolvida em quatro escolas – todas localizadas no bairro Morro Alto, conforme definido em conjunto pelas Secretarias Municipais de Educação e de Políticas Públicas para Mulheres, totalizando nove turmas e 225 alunos.

Após passarem pelas quatro oficinas nas escolas, essas crianças estiveram na Unicentro, completando o ciclo educacional que prevê o reconhecimento dos cidadãos, por eles mesmos, como produtores de conhecimento, para uma sessão de Cinema. Nesse momento, os estudantes conferiram suas produções e confirmaram o aprendizado possibilitado pelo projeto de extensão, reafirmando a disposição para o enfrentamento da violência contra a mulher e para a construção de uma sociedade com equidade.

No Cram (Centro de Referência no Atendimento à Mulher), vinculado à Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres, nos meses de maio e junho, verificou-se

um aumento de 40% na procura de informação e por ajuda por parte de mulheres moradoras do bairro Morro Alto. Já para as estudantes participantes do projeto, o contato com a educomunicação, com as questões de gênero e com as crianças possibilita uma nova visada sobre o fazer jornalístico e sobre potencial revolucionário do audiovisual, na medida que, dependendo de como utilizado, pode contribuir para a transformação social. Assim, um novo modo de fazer jornalismo vai se delineando.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O combate à violência contra a mulher tem sido destacado no debate social, considerando a forte divulgação e exposição de casos de feminicídios e violências de gênero pelos meios de comunicação. O projeto Florescer apresenta resultados das ações extensionistas que reforçam o papel da universidade em dialogar, se aproximar das demandas e contribuir na promoção de transformações sociais da comunidade, contribuindo na promoção de uma cultura mais igualitária desde a infância. Para além disso, o caráter extensionista permite que as acadêmicas tenham contato com a realidade das comunidades além dos muros da universidade e, com isso, possam exercer o olhar crítico sobre o seu papel social de promover uma sociedade mais democrática e socialmente mais justa.

REFERÊNCIAS

- GUARESCHI, Pedrinho. Consumismo infantil: uma questão ética. In: FONTENELLE, L. (Org.). **Criança e consumo**: 10 anos de transformação. São Paulo: Instituto Alana, 2016, pp. 120-129
- MACHADO, Sátira Pereira. Diversidade e eucomunicação: gênero e raça/etnia. In: MACHADO, Sátira; SOARES, Ismar; ROSA, Rosane (Orgs.). **Educomunicação e diversidade**: múltiplas abordagens. São Paulo: ABPEducon, 2016, pp. 139-154
- PEREIRA, Ariane; TOMITA, Iris; CALEFFI, Renata. Jornalismo audiovisual na educação básica: uma ferramenta de combate à violência contra a mulher. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio (Orgs.). **Telejornalismo e direitos humanos**: pesquisas e relatos de experiência. Florianópolis: Insular, 2021, pp. 55-72
- _____; COUTINHO, Iluska. Pelo fim da violência contra a mulher, dramaturgia do telejornalismo. In: ROCHA, Adriano Medeiros da; LAIA, Evandro José Medeiros (Orgs.). **Audiovisula revolucionário**. São Paulo: Editora dos Frades, 2021, pp. 297-320
- _____; CALEFFI, Renata; ALBERTINI, Caroline. A dramaturgia do telejornalismo como ferramenta para o combate à violência contra a mulher e a promoção da equidade de gênero. In: **Anais Intercom 2019** (42. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação). São Paulo: Intercom, 2019
- _____. Florescer: o telejornalismo como ferramenta para o combate a violência contra a mulher. In: **Anais Intercom 2018** (41. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação). São Paulo: Intercom, 2018.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Edcomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, 19, set-dez de 2000, pp. 12-24.